

O FIGUEIROENSE

ORGAO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor
 José Francisco da Silva
 Director e Administrador
 Arthur de Paiva Furtado

ASSIGNATURAS

Do anno	1320
Sete annos	560
Brasil, anno	2300
Africa, anno	1320
Europa, anno	503

Annunciam-se as obras das quaes se recebe um exemplar

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia do

CENTRO REPUBLICANO

Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Originaes sejam ou não publicados não se restituem

Annuncios permanentes e communicados preços convencionaes

AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

Protecção aos trabalhadores e aos pobres

São do programa do sr. Presidente da Republica duas medidas fundamentais de protecção aos trabalhadores e aos pobres, e tão fundamentais, urgentes e indispensaveis que o seu decreto é imprescindivel e não pôde retardar-se.

São essas medidas o *mutualismo rural* e o *homestead*.

Quanto á primeira, de tal modo se impõe o seu decreto que ninguem, sequer, ao annunciar-se a intenção de a levar a effeito, o usou contestar a sua necessidade e o seu proveito.

Com effeito, passados seculos e seculos, o trabalhador é ainda hoje como que um animal, que, andando toda a vida debaixo do jugo a trabalhar na maior miseria, chega ao fim da existencia, quando já o seu braço é impotente, tendo que estender a mão á caridade, para, ainda assim, morrer á mingua quasi, sem ter para os seus ultimos dias um pedaço de pão e uma enxerga.

E, na verdade, sómente por que governo algum tem querido gastar algumas folhas de papel e algumas pennadas de tinta, porque mais não é preciso para lhe garantir o pão na sua inhabilidade, por que nem sequer é preciso ir buscar aos cofres do thesouro coisa alguma para esse effeito. Chama-se á sociedade que isto consente uma sociedade de canibae e bestas feras.

O sr. Presidente da Republica, porém, traz no seu programma o termo de situação tão ignominiosa para o meio que o consente.

E' essa parte do seu programma—o *mutualismo rural*—isto é, a previdencia para que aquelle que passou toda a vida trabalhando, quasi de rastos e cheio de miseria, tenha o soccorro para a doença e o pão para a inhabilidade e para a velhice, para que um semelhante nosso, que nunca viveu na ociosidade, não acabe no abandono, como um cão ou qualquer irracional abandonado.

E, assim sendo, essa medida não deve demorar-se.

E' urgente que se decrete e se ponha em execução.

E não ha razão para que deixe de decretar-se ou para que se demore o seu decreto.

Isso custa pouco.

Custa pouco, mas significa muito.

Significa que o sr. Presidente da Republica teve vontade, estudou e teve intelligencia.

Teve vontade de produzir utilidades, estudou as necessidades, do seu paiz e teve intelligencia porque as viu, e por que viu o modo de as satisfazer.

Grande e optimo é o que isto revela.

Revela que o sr. Presidente da Republica quer ser útil ao seu paiz e é capaz de o ser. Pois não hesite, sr. Presidente, não hesite e ponha a em pratica, por que uma obra d'essas abençoará o seu nome e terá a consagração dos seus concidadãos.

Ha obras que não morrem, que ficam sempre de pé, que não deixam nunca cahir quem as produziu, que tem sempre ao seu lado, na sua defeza e na sua exaltação, tudo e todos.

Só ignorantes, só despeitados da propria insignificancia, pôdem querer denegril-as, mas ellas são de tal estofo que, esses ignorantes, essas nulidades, não se atreveram sequer a commental-as.

Não lhes faltará a vontade mas escaceia-lhes a coragem. **A'vante, pois, sr. Presidente, e sem hesitação e sem demora.**

[Continua]

Desastre

No dia 9, pelas 13 horas, caiu para um poço, onde foi encontrado morto, um infeliz de nome Domingos Antunes, solteiro, de maior idade, do logar do Brejo, da freguezia de Arega.

A victima sofria de frequentes syncopes, em virtude do que se presume que desastre se tenha dado, não havendo a mais leve suspeita de que houvesse crime ou suicidio.

FACTOS E OCCORRENCIAS

Até us afina'... se mascarou!...

O nosso amigo sr. Joaquim Lacerda Junior accetou cargo de Governador Civil de Leiria, pelas razões que expozemos no nosso numero anterior, mas certo sugelto que, na monarchia foitudo e... mais alguma coisa, e que, na Republica quer ser tudo e é... nada, vem vomitar na União um amontoado de palavras sem tom nem som, aproveitando-se apenas a confissão de que fôra franquista, quando afinal tantas vezes elle e os da grei repudiaram essa sua antiga fé politica! Não se desmascarou.—mascarou-se agora de democratico e de evolucionista, simultaneamente, pois que na actual situação politica não houve entrada para elle...

Nós sabemos onde te doe, menino, e conhecemos a natureza da ferida, sendo-nos facil curarte, mas vae bater a outra porta, que temos mais que fazer. Desmentir-te, para quê?

Ah! estão os factos a fazel-o melhor do que nós. Quem perseguiu já o nosso amigo Lacerda Junior, não obstante ter para isso capacidade e razões fundamentaes para o fazer? Vocês é que tem esse privilegio de perseguidores!

E, se não, vejam! No consulado franquista, lembrae-vos do que fizesteis ao Aguiar, do correio, ao Albino Nnes, fiscal dos impostos, etc, e na bambochata democratica, basta recordar o que se fez ao nosso amigo Lacerda Junior, ao escrivão Jardim—suprema infamia!—e os processos que elles, com requintes de perversidade, forjaram contra pessoas que n. nhum mal lhes fizeram!

Emquanto ao resto da mixórdia do artiguelho, nem vale a pena dar-lhe troco...

Com mascara ou sem ella, já-mais deixarás de seres quem és... e Vasconcelose Araujo nunca foram nem poderão ser o que tu és...

E fiquemos n'isto, que não ha cá cêra para desbaratar com taes defuntos...

Falta de espaço e... materia

A União diz no seu ultimo numero que «por absoluta falta de espaço retirara «alguma materia dos seus «presados colaboradores e que «a referida materia irá «no proximo numero». Pobre paiz! Temos tido guerra, peste e fome e agora ainda mais esta: a

publicação da *materia* dos colaboradores da *União Figueiroense!*

«Com elles nem para o Ceu», diz toda a gente. Ora para o Ceu só vae a alma, se é que elles a tem, e nem com a alma d'elles ninguem quer nada: o que será agora com a *materia* d'elles publicada no jornal de maior circulação do districto de Leiria! Publ...

Milho

A Comissão Administrativa da nossa Camara Municipal, composta de homens que tem sabido arrostar com as dificuldades da tragica situação que a guerra creou aos povos, acaba de ver satisfeita a sua aspiração de que não faltasse milho n'este concelho, onde esse cereal estava escasseando assustadoramente, e, assim, já vem em caminho um wagon de milho que do Ministerio de Subsistencias foi despachado hontem para Pombal, devendo aqui chegar em breves dias, podendo nós, desde já, dar a grata noticia de que o seu preço será muito inferior áquelle porque elle tem sido vendido no mercado. Attendendo ás inumeras requisições que todos os dias e de todo o paiz são feitas áquelle ministerio, a requisição da nossa Camara, por mais esforços que, todavia, empregasse, não seria atendida—e, se o fosse, sel-o hia com uma prejudicialissima mesocidade—se não fosse a interferencia do ex.º Governador Civil e nosso querido amigo sr. Joaquim Lacerda Junior, que em Lisboa esteve alguns dias para esse fim, não sahindo sem o despacho ter sido feito. Os senhores da União disseram, ha dias, que elle fôra chamado áquelle logar só para perseguir os seus adversarios e com fins eleicoeiros: Ora aqui tem já um acto da sua benefica acção na direcção superior do nosso districto! Se os senhores-tivessem empregado a sua acção politica em coisas uteis, como elle está fazendo, nos oito annos da bambochata democratica que de melhoramentos esta terra poderia ter! Mas os senhores,—mandantes e mandatarios—o que fizeram foi enxovalhar a *torto* e a *direito* toda a gente, sem escaparem á vossa sanha venenosa as proprias senhoras e até as creanças...

Não ha nada, a dentro dos espiritos reflectidos e closos da propria degnidade, que vos lave dos vossos desmandos...

No Concelho de Pedrogam Grande

Grande tempestade

O granizo causa prejuizos de dezenas de contos de reis

No passado dia 2 do mez corrente, desencadeou-se sobre as freguezias da Graça e Villa Façã, do visinho concelho de Pedrogam Grande, uma formidável tempestade que deixou na miseria muitos desgraçados, que, n'uns minutos, viram o producto do seu mourejar constante reduzido ao mais comovedor e pungente espectáculo!

Não se descreve, que isso é impossível, aquella tragedia da natureza!

Um rugir de Oceano em noite de vendaval e um Ceu pardo-cento e de agouro davam os primeiros signaes do avassalador espectáculo que, a seguir, se desenvolveu, acudindo a todos os espiritos a ideia fixa e inalteravel de que aquilo era o fim do mundo—tão extranho era a toda a gente o que se estava passando!

As pessoas mais edosas d'aquellas localidades afirmaram-nos que nunca presenciaram uma tempestade como aquella, e nós advinhámos a grandiosidade da causa pelo tamanho dos seus efeitos!

As vinhas, as cearas e fructas, tudo foi arrasado pelo granizo, que, do tamanho de nozes, cahiu em quantidade tal que attingiu a altura, em alguns pontos, de 60 centímetros!

Os nossos amigos Carlos Graça e seu cunhado José Graça sofreram nas suas vinhas e cearas prejuizos de grande importancia, pelo que lhes apresentamos a expressão da nossa solidariedade no seu desgosto.

A' Camara de Pedrogam Grande lembramos a conveniencia, se não o dever, de representar ao governo no sentido de, por qualquer fórma, atenuar a miseria em que ficaram os povos d'aquellas duas freguezias, cujos prejuizos, ao que nos informam, sobem a mais de quarenta contos!

Não temos ouvido fallar n'este caso, como se elle fosse de todos os dias e de uma vulgaridade banal. Pois o papel das Camaras é acudir, moral e materialmente, ás necessidades dos seus municipes.

Nós cumprimos com o nosso dever, dando esta triste noticia e deixando lembrado á Camara de Pedrogam Grande o que lhe compete fazer e que, estamos certos d'isso, ella fará.

ANCIÃO

Figueira da Foz

Os abaixo assignados, não lhes tendo sido possível, pelo extraordinario trabalho da mudança dos seus haberes para esta cidade, agravada ainda pela falta de saúde, de que infelizmente ainda sofrem, despedirem-se pessoalmente de todas as pessoas das suas relações, e muito especialmente, das que são suas amigas sinceras, a todas pedem desculpa das suas involuntarias faltas, e offerecem o seu limitadissimo prestimo n'esta cidade.

Figueira da Foz, 4 de junho de 1918.

Maria da Conceição Ivo Portela
Anastacio Rodrigues Portela

NOITE DE PRIMAVERA

E' noiva sem veu,
que me olha do sul,
suspensa, no ceu,
essa lua azul.

Suspensa e calada;
suspensa, e nem sei
se moira encantada,
se a filha de um rei.

Nos campos, comtudo,
uma alma a retracta:
a sombra é veludo;
os choupos são prata.

Enquanto, sem veu,
me olha, do sul,
suspensa no ceu,
essa lua azul!...

E então esse olhar
diz tanta meiguicê...
Pudesse eu falar,
e que ella me ouvisse.

Ouvir como agora
ella ouve e entretém
os cravos, lá fóra,
que cheiram tão bem!

Essencia aos espaços
subindo, em torpôr,
e que abre em dois braços
perdidos de amôr!...

Valentim

A NOSSA CARTEIRA

José dos Santos Abreu

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinho, retirou para a sua casa em Abrantes este nosso presado amigo e patricio.

A tratarem de seus negocios, retiraram para o Algarve os nossos amigos srs. Manuel dos Santos Serra, José Antonio dos Santos, José Alves Agria e Manuel Antonio dos Santes, de Campello.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Arthur Domingos Rosa, da Moita.

CURTA AO VALENTIM

Meu amigo:

Como sabe, eu tenho um oraculo que tudo sabe e tudo me diz, mas o mafarrico, pela primavera, tal e qual como as mariposas doudejando pelos prados fóra, foge-me em busca de sibyllas que o inspirem na sua sciencia de advinhar. Não posso, portanto, enquanto elle não regressar, explicar-lhe o que significaria esse Não que tanto o entristeceu...

Por hoje e visto que tenho de escrever-lhe, lemitar-me-hei a traduzir-lhe a impressão que me ficou da ultima novena do Mez de Maria, que aqui foi festejado tambem com toda a devoção e religiosidade. Quando entrei no belo templo d'esta Cintra da Extremadura, um fremito de crença e de piedade inundou todo o meu espirito e não sei que comoção me fez dobrar instinctivamente os joelhos e ao mesmo tempo murmurar uma sentida prece que, meu amigo, se casava bem com o pulsar do meu coração saudoso e que, n'uma doce harmonia, me encheu a alma de muita luz e de muito amor...

Quedei-me para ali não sei por quanto tempo, esquecida do mundo e de tudo que estava fóra do ambito do gracioso templo e abandonando-me ás sugestões do meu espirito

de sonhadora...

De facto, sonhei, meu caro Valentim!

Sonhei com a visão fagueira do infinito, n'aquelle aneio ignoto a ecoar indefinidamente cá dentro...

Era a alma a sonhar com as imagens queridas do meu ser, chorando-as na sua saudade!...

Era a prece do coração a evolar-se para o infinito, na sua dôr infinita!...

Era, n'uma palavra, a Religião do Sentimento!

Lembrei-me então de minha Mãe e de quando, na minha meninice, ella me sentava no seu regaço e me erguia as mãos, balbuciando comigo a minha oração á Virgem.

E' que, meu pobre amigo, essa Santa que eu perdi teve sempre um sorriso nos labios para depor no coração dos filhos, quando elles sofriam, e por isso a sua memoria é constantemente pranteada por elles com lagrimas da mais viva e intensa saudade.

E a sua imagem, que me acompanha como a minha propria sombra, tem sempre o magico condão de evocar a esta alma fustigada pelo infortunio um sentimento consolador que dulcifica um pouco a esteira escabrosa da minha vida, dando-lhe consolação no orvalho bemdito das lagrimas!

Ai da vida minha, que já não eram as frescas e mimosas flores que a minha santa Mãe colhia, por entre o orvalho crystalino da manhã, aquellas que eu teria ido levar tambem, se, porventura, lá tivesse podido ir!

Mas gentilissimas senhoras fizeram, n'uma afirmação de sentimento religioso, muito de louvar, o que eu não pude fazer, enchendo os altares de flores de todas as castas e de todas as cores, as quaes, collocadas n'uma encantadora sintonia de coloridos, patenteavam o brilho das formas originaes: amarelas, tocadas por tonalidades de topasios vermelhas, como se tivessem sido mergulhadas em sangue vivo; brancas, como se fossem nimbadas por uma neve da brancura do luar de janeiro, róxas, como certas pedras preciosas...

Os castiçoes de prata e ouro, com as suas vélas muito brancas e apuradas, anteviam se por entre os jarros e solitarios, e lá no alto do seu altar, dominando todo aquelle scenario de piedade e de amor, a divi-

nal imagem da Virgem Maria de Lourdes, vestida de neve e de pedacos de ceu, derramava para os fieis o seu olhar de perdão e de santa bondade...

Que espectáculo comovente, meu amigo!

E os canticos á Virgem, desempenhados por senhoras e meninas, acompanhados de flauta e orgão, sublimavam todo aquelle santuario de arte, de amor e de sentimento religioso, fazendo-me esquecer, por momentos, da terra mesquinha que habitamos e elevando-me ás etereas mansões dos mundos ideaes do Ignoto e do Bello!...

Aqui tem, Valentim amigo, n'estas mal alinhavadas linhas, a palida pintura da impressão mais funda que tenho experimentado nos ultimos tempos.

Neste mesmo momento, acaba de entrar, na minha sala de costura, o meu oraculo, que ouço conversar com a avosinha: vou falar-lhe e ainda não fecho esta, pois, se ele me habilitar a satisfazer hoje os seus desejos, terei n'isso um grande prazer.

Venho de falar com aquelle mal-dito! Achei-o enigmatico como nunca e estúpido como poucas vezes!

Não houve meio de lhe arrancar uma explicação nitida e clara.

«Diga ao seu amigo que o caso não é para desanimar», eram as suas unicas palavras, mas tanto o roguei que, por ultimo, afirmou que a dama que enfeitava o altar pensava em si tres vezes por dia, pelo menos:—uma, quando colhia as flores, outra, quando as collocava nos solitarios e a ultima, quando assistia á novena—e, sendo assim, acrescentou, pôde applicar-se ao caso a seguinte observação de Balzac:—«Quando uma mulher pronuncia o nome de um homem apenas duas vezes n'um dia, pôde haver duvida sobre a natureza dos seus sentimentos para com elle; mas tres!»...

E mais nada por hoje.

Adeus, meu caro Valentim, que as minhas para consigo só á vista te-rão fim.

Sua afeiçoada

SUZANA

Annuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.^a publicação

Pelo cartorio do 1.^o officio, correm editos de trinta dias, citando o interessado Antonio Carvalho, solteiro, de maior idade ausente em parte incerta, afim de assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua mãe Carlota Rosa, moradora que foi em Almo-falla de Cima, nos quaes é inventariante Antonio Carvalho, viuvo d'ella, morador no lugar do Douro.

Figueiró dos Vinhos, 3 de junho de 1918. E eu Annibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, que o subscrevi.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Elisio de Lima

